MANUSCRITOS DE ÉMILE BENVENISTE: UM PERCURSO NA E PELA POÉTICA DE BAUDELAIRE

CÁRMEN L. H. AGUSTINI¹

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Universidade Federal de
Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, 2121 – 38408-144 Câmpus Santa Mônica,
Uberlândia-MG – Brasil

JOÃO DE DEUS LEITE²

Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura
Av. Paraguai, s/n – 77824-838 – Setor Cimba – Araguaína-TO – Brasil

carmen.agustini@ufu.br ; jdmilk@gmail.com

Resumo. *Os manuscritos de Émile Benveniste sobre a poética de Baudelaire devem ser tratados como notas de pesquisa. Nessa condição, essas notas mapeiam caminhos percorridos por Benveniste no processo de pesquisa, mas não estabelecem nem determinam a sua posição sobre o funcionamento da língua na poética nem sobre o funcionamento poético da língua. Assim sendo, objetivamos, no presente artigo, mapear um caminho que, aos nossos olhos, mostrou-se instigante e inovador ante a conjuntura da época. Considerando a poética uma das formas complexas de discurso, estar-se-ia ante a um funcionamento específico da língua na sociedade. Esse funcionamento ultrapassaria a noção saussuriana de signo como princípio único de explicação, já que sua função não se reduziria ao (com)partilhamento de uma certa compreensão da realidade. Diante do exposto, analisamos um conjunto de notas, a fim de (re)traçar esse percurso de Benveniste dentre outros possíveis de ali serem vislumbrados. O interesse por esse percurso, em detrimento de outros, respalda-se na relação inalienável com a linguística geral de Émile Benveniste, já que, nesse percurso, é o ponto de vista do linguista que está em jogo.*

Palavras-chaves: *manuscritos; poética; referência; funcionamento; língua; signo; ícone.*

Abstract. *Benveniste's manuscripts on Baudelaire's poetics should be treated as research notes. Under such a perspective, these notes map the paths Benveniste has taken concerning his own research process. These notes, however, do not establish or determine his position about the functioning of language in the Poetics. They do not show his position about the poetic functioning of language either. Taking these considerations into account, this article aims to map out a path that has been instigating and innovative to what concerns Benveniste's historical time. The Poetics, as one of the complex forms of discourse, shows a specific functioning of language in*

¹ Professora no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) e na Graduação em Letras no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Professor na Universidade Federal de Tocantins (UFT-Campus de Araguaína). Doutor em Estudos Linguísticos pela UFU.

society. Seen as an operation, this specific functioning of language in society would go beyond the Saussurean notion of sign as a single principle of explanation. This is so since its function would not be reduced to sharing a certain understanding of reality. Having that in mind, I analyze a set of notes in order to (re)trace Benveniste's process of research among other possible to be glimpsed. Our interest is based on the inalienable relationship with Benveniste's General Linguistics. Therefore, in this research process, it is the point of view of the linguist that is at stake.

Keywords: *manuscripts; poetics, reference; language functioning, language; sign; icon.*

*La poésie a ici le visage de
Baudelaire; je parle d'elle
ou de lui, sans pouvoir
toujours les distinguer. La
poésie, c'est la poésie
plus un certain poète.
puisque chaque poète a
sa langue poétique.
(Benveniste, 2011, p. 455)*

PALAVRAS INICIAIS

Para Benveniste, a linguagem “bem antes de servir para comunicar, serve para viver” (BENVENISTE, 1989 [1967]³, p. 222). Essa afirmação questiona a evidência muito propalada de que o fundamento da linguagem seria a comunicação e coaduna com certa posição manifesta de Benveniste sobre o funcionamento da língua na poética. A poesia não deve ser elucidada e, sim, (re)vivida; suscitar emoções e (re)criar imagens está para a ordem do funcionamento da língua na poética. Assim o sendo, questionamos: como seria esse (re)viver por meio e a partir da poesia? Esse questionamento baliza nossa posição analítica e nosso percurso nas e pelas notas de Émile Benveniste sobre a poética de Charles Baudelaire⁴.

Essas notas manuscritas constituem uma oportunidade de conhecer certa ebulição e certos dilemas vividos por Benveniste em seu trabalho de pesquisa sobre a linguagem. O funcionamento da língua no uso poético da linguagem interessa ao linguista, já que coloca em xeque a noção saussuriana do signo linguístico como princípio único de explicação da língua em seu funcionamento discursivo. O funcionamento da língua no uso poético da linguagem demanda a formulação de um outro princípio explicativo. Sobre essa demanda, debate-se Benveniste, mas sem legar à humanidade uma posição, já que essas notas, que deveriam dar origem a um artigo sobre a poética de Baudelaire, a ser publicado no número 12 da revista *Langages*, intitulado *Linguistique et Littérature*, em

³ Grafamos a referência da seguinte forma: Nome do autor, ano de publicação da edição em português dos Problemas de Linguística Geral I (1995) ou II (1989), seguido do ano da primeira publicação do texto.

⁴ Com a recente transcrição e edição dessas notas inéditas, tornaram-se públicas e acessíveis as reflexões do linguista sírio, naturalizado francês, sobre o funcionamento da língua na poética. Elas foram publicadas, em maio de 2011, em livro intitulado *Baudelaire* e organizado por Chloé Laplantine.

1968⁵, permaneceram em estado de notas de pesquisa, o que (d)enunciam seu caráter indefinido. Daí afirmarmos que estamos percorrendo um caminho aberto por Benveniste, cujas injunções são de nossa responsabilidade.

Assim procedendo, defendemos que as reflexões de Benveniste sobre a poética de Baudelaire, embora denotem o seu pensamento em ebulição no processo de pesquisa, abrem-nos caminho para teorizar, na condição de linguista, sobre o funcionamento da língua no uso poético da linguagem, de modo a mostrar que Benveniste produz deslocamentos importantes na compreensão da dicotomia posta sobre linguagem ordinária e linguagem poética. A diferença não reside na ordem da língua, mas em seu funcionamento específico nessa forma complexa (de produção) de discurso. Um dos modos de compreender e de explicitar essa diferença de funcionamento é posto pela (re)produção da referência no uso ordinário e no uso poético da linguagem. Ao explorar a poesia de Baudelaire, Benveniste descortina uma concepção do funcionamento da língua na poética e de que maneira ela interessaria à linguística.

Para melhor circunscrever esse caminho, torna-se relevante trabalhar certa relação entre o artigo *Semiologia da língua* (1989 [1967]) e *Baudelaire* (2011), já que no artigo Benveniste (1989 [1967], p. 67) afirma que há “a necessidade de se ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único de explicação”. É preciso compreender que essa afirmação encontra-se formulada em um texto que busca estabelecer as bases da relação entre a língua e os outros sistemas semiológicos existentes. Nesse artigo, Benveniste estabelece que a relação entre a língua e os outros sistemas semiológicos é uma relação de interpretância, uma vez que a língua possibilita ao homem produzir discurso sobre as outras formas semiológicas da linguagem. Os sistemas semiológicos não significam do mesmo modo; eles têm suas especificidades. Assim, a relação entre os sistemas semiológicos é uma relação de concorrência por significar.

Já nas notas de pesquisa, Benveniste empreende um esforço hercúleo na busca por compreender a diferença de funcionamento discursivo entre o uso ordinário e o uso poético da língua. Várias notas são dedicadas à tentativa de comparação entre eles. Dentre essas notas, selecionamos um conjunto a partir dos seguintes critérios: 1. reportar-se à relação signo/ícone; 2. reportar-se à questão da referência; 3. reportar-se à relação língua/poeta. Feita essa discussão/análise das notas de pesquisa, tecemos algumas considerações decorrentes do fato de o funcionamento discursivo da língua na poética mostrar que a língua poética é a própria língua e que o seu diferencial é posto pelo estabelecimento de outras relações cuja função é produzir emoção, a fim de deslocar o ponto de vista do leitor, abrindo-o a outras relações de sentido.

1. O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA NO USO POÉTICO DA LINGUAGEM

Em *Semiologia da língua*, torna-se compreensível que a concepção de língua de Benveniste não se sobrepõe à concepção saussuriana de língua presente no *Curso de*

⁵ Nessa edição, publicaram autores como Barthes, Jakobson, Genette, Todorov e Bakhtin. Émile Benveniste deveria estar entre os autores da edição, porém não concluiu seu artigo sobre a linguagem poética e a obra de Charles Baudelaire. Com efeito, há apenas uma página datilografada entre as notas publicadas, e esta aborda o discurso poético.

Linguística Geral, já que comporta semiótico e semântico em relação de interdependência e concomitância de funcionamento na manifestação da linguagem. Daí em *Baudelaire* aparecer a colocação de que a língua na poética é icônica; há um funcionamento diferente na poética, há um intentado da emoção e da evocação em jogo, uma vez que a poética está para a ordem da emoção, a fim de provocar uma experiência outra na e pela linguagem, havendo, por conseguinte, uma “semiologia nova”, mas ainda regida pela língua, já que a matéria da poesia é a língua.

Assim anota Benveniste: “Na verdade, *a língua poética é icônica*; tal é o princípio do seu funcionamento. Isso significa que ela ~~imita~~ <dá> com palavras / a *imagem* da coisa que ela diz, não a ideia”⁶ (tradução nossa⁷). Benveniste propõe que “a língua na poética é icônica, tal é o princípio de seu funcionamento”. Por isso, a poesia não poderia ser explicada com menção ao signo linguístico somente, é necessário concebê-lo como ícone. O signo, na poesia, converter-se-ia em ícone para compor uma imagem na relação com os outros signos ícones que compõem o poema. O poema não está para a ordem de um discurso sobre a emoção do poeta, mas para a ordem de intentar provocar no leitor uma outra experiência de linguagem: a da emoção, a emoção que “rompe” com a racionalidade do funcionamento da língua no uso ordinário da linguagem.

O leitor, com efeito, não tem acesso ao que o poeta experiencia; a poesia é uma relação do poeta consigo mesmo na base da língua; uma relação única, por isso o acesso à imagem e não à ideia. A emoção transgredir a ideia, abrindo a língua para outras relações de significância. A emoção joga com a estabilidade dos sentidos, convocando o leitor a olhar para a realidade, socialmente construída, por outros prismas. Por isso, a aparência de que o poeta escaparia à ordem própria da língua, produzindo um semiótico próprio. Trata-se de um uso da língua que promove a parte individual da manifestação da linguagem em detrimento da parte social, predominante no uso ordinário. Portanto, o poético é parte da língua e está na base de seu funcionamento. Por isso, a poética interessa imensamente ao linguista, como disse Benveniste (1989 [1968]).

2. A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

A língua é forma e sentido em relação de interdependência e concomitância. Ela possui semiótico e semântico, dois modos de significância: o semiótico, cuja base estrutural apresenta o signo como unidade e que se configura como um sistema diferencial. Nesse modo de significância, significar é ser distintivo. O semântico, cuja base estrutural apresenta a frase como unidade e que se configura como acontecimento da linguagem. Nesse modo de significância, significar é ter sentido, e esse sentido refere algo da realidade imaginária.

No âmbito da palavra, o sentido é seu emprego e, no âmbito da frase, o sentido é a ideia que o co-locutor lhe atribui, tendo por referência o semantismo social que o constitui. Essa compreensão da língua a coloca em uma condição única, já que não há

⁶ Emile Benveniste (2011, p. 550-551): “En effet *la langue poétique est iconique* / tel est le principe de son fonctionnement. / Cela veut dire qu’elle ~~imite~~ <done> avec des mots / l’*image* de la chose qu’elle dit, et non l’idée.”

⁷ A tradução das notas de pesquisa de Benveniste presentes neste artigo foi feita pelos autores. Por isso, doravante não faremos essa referência.

outro sistema semiológico, cuja base seja um vazio absoluto. Assim, a língua, como impressão psíquica, não tem matéria externa, sendo-lhe imprescindível o suporte substancial do som ou do gesto, que não são de natureza linguística em si e por si mesmos, para aceder o outro.

Essa constituição da língua faculta-lhe uma condição topológica. Assim, a língua, embora sofra deformação⁸ nos funcionamentos discursivos, guarda na forma resultante do processo de deformação seu princípio de estruturação subjacente. Por isso, Saussure⁹ “descobre” o anagrama na poesia latina saturnina, e Benveniste “descobre” o ícone na poética de Baudelaire. Dois linguistas que compreenderam cabalmente a relatividade relacional da língua.

Expliquemo-nos. Em *Semiologia da língua* (1989 [1967], p. 66-67; grifo nossos), Benveniste afirma que:

quando Saussure definiu a língua como sistema de signos, estabeleceu o fundamento da semiologia linguística. Mas vemos agora que se o signo corresponde às unidades significantes da língua, *não se pode erigi-lo em princípio único da língua em seu funcionamento discursivo*. (p. 66).

Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. (p. 67)

Nas palavras de Benveniste, é preciso ir além da noção saussuriana do signo como princípio único, quando a língua torna-se matéria da arte, por exemplo. Essa afirmação de Benveniste abre um campo de considerações: **1.** há mais de um princípio da língua em seu funcionamento discursivo; **2.** esses princípios funcionam em relação de concomitância e de interdependência; **3.** o funcionamento da língua no uso ordinário e no uso poético da linguagem estão correlacionados. O cotejamento de tais considerações pode contribuir para a compreensão do funcionamento discursivo da língua.

Como nosso interesse é, a partir do cotejamento de *Baudelaire*, discutir o princípio do funcionamento discursivo da língua na poética, a noção de referência assume importância capital na análise da relação entre os usos ordinário e poético da língua. Assim, é necessário considerar que, enquanto no uso ordinário da língua, o funcionamento discursivo impõe que a língua estabeleça certa relação com a realidade, a fim de que a correferência¹⁰ possa ser instituída, no uso poético não há essa imposição.

⁸ Para explicar a relação entre signo e ícone no uso poético, tomamos o conceito de deformação da Topologia, área sofisticada da matemática que estuda certas propriedades das figuras - como círculos, esferas, anéis, cilindros e nós - que preservam suas propriedades quando são deformadas, ou seja, transformadas em outra forma geométrica. Assim, a topologia não distingue, por exemplo, uma lata cilíndrica de um círculo, pois ambas podem se transformar uma na outra sem rompimento da estrutura.

⁹ No período de 1906 e 1909, Saussure estudou a presença de anagramas em poemas clássicos. Esse estudo consta de cadernos, com suas notas de pesquisa. Em 1974, Jean Starobinski publicou o livro *As palavras sob as palavras*: os anagramas de Ferdinand Saussure, no qual aborda a pesquisa de Saussure sobre os versos saturninos, a fim de mostrar que Saussure “descobriu” a presença de um mecanismo de composição, baseado na análise fônica das palavras, composto por hipograma e por anagrama que, apesar de estar camuflado no poema, ajudava a compreendê-lo.

¹⁰ Em Benveniste, co-referir é concebido como o efeito que o discurso produz nos participantes de que, embora não tenham necessariamente o mesmo ponto de vista, falam sobre o ‘mesmo’ fato da realidade.

Essa prerrogativa discursiva coloca o aspecto social da língua em prevalência; no uso poético, como esse impositivo não está em operação, possibilitando o jogo linguístico e a abertura do(s) sentido(s), há prevalência do aspecto individual da língua.

3. O USO POÉTICO: A LÍNGUA E A REFERÊNCIA

Benveniste (1989 [1957], p. 60) pontua que:

a significância da arte não remete então jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. É necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição. A significância da língua, ao contrário, é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura.

Sendo a língua a matéria da poesia, é possível afirmarmos, a partir do recorte supracitado, que os termos na poesia, embora sejam “re-inventados”, são re-inventados a partir do material linguístico que o uso ordinário da língua já estabilizou ou mesmo cristalizou. O poeta não subverte a ordem da língua; a língua poética é a própria língua, mobilizada de outro modo e para outro fim, já que o funcionamento discursivo é outro. O trabalho do poeta é com a palavra; é um exercício subjetivo com a língua e, portanto, não há termos pré-determinados e “fixados em uma instituição”, já que o poeta, no uso poético, emprega, de modo singular, o linguístico comum que constitui a enunciação no uso ordinário.

Na poética, não é a transmissibilidade de um dizer sobre a realidade social que está em prevalência, o que está em prevalência é a abertura do sentido em função da emoção; para isso, há uma experiência, um trabalho do poeta na e com a língua. O poeta não faz a poesia pensando no leitor e na sua compreensão e, sim, baseada em suas sensações, as quais não são (com)partilhadas, são frutos da experiência. Assim, essa “nova semiologia” da língua “escapa à convenção essencial do discurso”, ou seja, escapa às relações discursivas, aos sentidos cristalizados na e pela sociedade no e por meio do semantismo social.

Na significância ordinária da língua, ao contrário, o que está em jogo é a correferência e, conforme Benveniste (1989 [1968]), o semantismo social atesta na sociedade a institucionalização da forma e do sentido. O semantismo social é a parte da língua responsável direta pela possibilidade de comunicação. Assim, é possível considerar que o semantismo social está relacionado ao uso ordinário da língua, com a prevalência da correferência; e que haveria um semantismo subjetivo que está para o uso poético, prevalecendo a emoção que o poeta (in)tenta¹¹ re-produzir; é a posição do poeta na linguagem. Semantismo social e semantismo subjetivo não são dissociáveis; ocorrem

¹¹ “Benveniste ao teorizar sobre a enunciação e sua relação ímpar com aquele que (se) enuncia ao dizer, encontra na relação discursiva entre os participantes da alocação um desencaixe constitutivo e, em decorrência, formula o conceito de intentado da significação. A linguagem é o meio e o lugar onde se dá a interação entre a vida mental e a vida cultural. Portanto, o homem também não é senhor dos sentidos daquilo que diz ao (se) enunciar” (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p. 118).

em concomitância. A relação entre eles é uma relação de prevalência, e essa prevalência é dada no e pelo funcionamento discursivo.

Conforme afirmam Agustini, Araújo e Leite (2015), o semantismo subjetivo é relativo ao modo de entrada do locutor na experiência de linguagem, podendo ser apreendido ou não, já que sua constituição é da ordem do efeito; daí ser evanescente e contíguo à situação discursiva que provoca a enunciação. Dessa maneira, na poética, há um acirramento do semantismo subjetivo em detrimento do semantismo social, uma vez que o que está em relação são as imagens criadas pelo poeta e a possibilidade de suscitar emoção.

De acordo com Benveniste (1989 [1968], p. 101), “a língua que é assim a emanção do irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva a toda a coletividade. [...] Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso”. Portanto, quando o poeta re-cria a língua na poesia, o que estão em jogo é a arte e a prevalência do semantismo subjetivo. Ademais, o semantismo social é determinado pela experiência de linguagem; logo, não o temos de modo completo e totalizante.

Ainda de acordo com Benveniste (1989 [1957; 1963]), a cultura é um fenômeno simbólico, definido como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e valores. Pela língua, o homem assimila, perpetua e transforma a cultura. Portanto, a noção de cultura em Benveniste (1989 [1963]) diz respeito ao *meio humano* que, distinto das funções biológicas, representa o que dá à vida e à atividade humana forma, sentido e conteúdo.

A cultura, assim, assume um estatuto de cerceamento, uma vez que a norma institui um modo específico de o homem estar no mundo. Do mesmo modo que podemos reconhecer o que tem e o que não tem sentido no discurso, porque há limites impostos pela ordem da língua, há também restrições ligadas à cultura. Dessa forma, no funcionamento ordinário da língua, a cultura resulta da função simbólica da linguagem e o que está em jogo é a transmissibilidade de um dizer sobre a realidade social, o que acirra a relação discursiva entre os participantes da enunciação. Benveniste (1989 [1970], p. 84), em *O Aparelho formal da enunciação*, afirma que:

na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor.

Assim, no funcionamento ordinário da língua, a cultura aparece para manter a relação de troca e a possibilidade de estabelecimento de comunicação entre os locutores. Já no funcionamento poético da língua, a cultura ganha nova conotação, porque há abertura do sentido. Na poética apresentada nas notas de Benveniste, há um “novo” olhar para “o mundo”; a possibilidade de “novos” questionamentos e, principalmente, o trabalho com o que está estabilizado na sociedade. Dessa maneira, o funcionamento poético da língua pode adensar a criticidade em relação ao mundo, possibilitando um *re-*

criar e um *re-viver* da realidade. Assim, a referência no poético dar-se-á de outra maneira; não é mais o mundo social, como no funcionamento ordinário. A referência no poético é a emoção do próprio processo (tanto do poeta quanto do leitor); ela é interior ao discurso e pessoal.

De acordo com Benveniste (1989 [1957], p.60), a significância do uso poético da língua é descoberta no interior de uma obra, já que

a arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular, na qual o artista instaura livremente oposições e valores que ele manipula soberanamente, não tendo nem “resposta” a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios conscientes ou não, de que a composição inteira dá testemunho e torna manifesto.

Benveniste (1989 [1957]) mostra que ordinário e poético se diferem quanto ao funcionamento, pois possuem funções sociais diferentes. É essa distinção nos interessa, uma vez que parece ser possível compreender uma noção de referência diferente na poética. Benveniste (1989 [1957]) explicita que sua preocupação primordial reside no problema da significação, em como o poético significa. As relações significantes da arte verbal estão por ser descobertas no interior da obra. Dessa forma, não podemos analisar uma obra específica com categorias prévias de análise, numa busca por encontrar no texto aquilo que queremos que ele nos diga. É necessário, antes de tudo, (re)vivê-la.

Assim, a análise de um texto artístico, sob a perspectiva enunciativa, deve ocupar-se de sua significação; não para fechá-la, mas para compreender o seu funcionamento discursivo, o como ele significa. Em Benveniste, a significação envolve tanto a dimensão semiótica, quanto a dimensão semântica da língua. Daí questionarmos o modo como a significação é construída no uso poético, já que se trata de um uso da língua baseado na emoção.

No texto *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste (1989 [1966], p. 231) mostra que a noção de referência também está vinculada ao conceito de frase. “A ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que jamais podemos prever ou fixar”. Ora, nunca preveremos a referência de uma frase, pois é a própria situação de discurso que provoca o surgimento da frase, e tal situação de discurso é irrepetível. Isso não significa que o sentido seja uma criação momentânea e fugidia, evanescente em si mesmo. Significa, em última instância, que as redes relacionais, ao tornarem-se outras, provocam deslocamentos de sentido, porque afetam a relação de interpretância.

Em *Baudelaire*, Benveniste (2011, p. 28) salienta que:

em poesia o referente está no interior da expressão que os enuncia; é porque a linguagem poética reenvia a ela-mesma. Mas como demonstrar essa proposição? A poesia (lírica) é a linguagem da

interioridade; o poeta fala a si mesmo, dialoga com seu pensamento, consola sua dor.¹²

A referência, no poético, não é mais o mundo socialmente simbolizado, como no ordinário. O referente (*pathème* – emoção suscitada) está na própria poesia, na sua recepção pelo leitor, que a recebe como uma imagem de emoção. A referência, no discurso poético, é interior ao discurso; pessoal e construída, já que a referência no discurso poético é a emoção suscitada no leitor no ato de leitura-interpretação, no ato de re-viver a emoção.

Outro ponto relevante é que Benveniste (2011) afirma que, na poética, o discurso poético é de natureza icônica, com o objetivo de mostrar que há um funcionamento discursivo diferente da língua na poética. Essa diferença recai, particularmente, sobre a re-produção da referência que, no poético, está para o intentado da emoção e da evocação, havendo, assim, uma “semiologia nova”, mas que ainda é regida pelo sistema linguístico, já que a língua é a matéria da poesia.

Sobre o intentado da emoção, afirma Benveniste (2011, p. 28):

o sentimento que move o poeta, a experiência que faz vibrar sua sensibilidade e que engendra nele o estado emotivo, é aquela que ele tenta traduzir em palavras. Ele seleciona, ele junta as palavras para re-produzir essa emoção. Aqui, os significantes estão subordinados ao intentado emotivo.¹³

A partir dessa colocação de Benveniste, notamos que a experiência e a sensibilidade do poeta geram um ‘estado emotivo’, o qual é traduzido em palavras. O poeta as “seleciona” para *re-produzir* certa emoção. Daí as palavras e os arranjos estarem sujeitos/subordinados ao intentado da emoção/emotivo, estão sujeitos à experiência de linguagem do poeta. Benveniste trabalha com o termo *reproduzir* e, de novo, esse termo deve ser entendido como *re-produzir*, produzir de novo, re-criação de algo que já há.

Em outra nota de Baudelaire, Benveniste (2011, p.32) afirma que “a imagem é o meio necessário da emoção”¹⁴. Isso mostra que não há uma relação direta entre o poeta e a coisa no mundo, há sempre a mediação da linguagem, “a linguagem é necessária para *re-presentar* o vivido, *re-produzir* a emoção”¹⁵ (BENVENISTE, 2011, p. 32). Em outra nota, ao falar sobre uma “semiologia nova”, estabelecida pelo poeta, Benveniste (2011, p. 644) afirma que,

o poeta recria, então, uma semiologia nova, por junções novas e livres de palavras. Por seu turno, o leitor-ouvinte encontra-se em presença de

¹² En poésie le référent est à l’intérieur de / l’expression qui les énonce; c’est pourquoi le langage / poétique renvoie à lui-même”. Mais comment démontrer cette proposition? / La poésie (lyrique) est la langage de l’intériorité; le poète se parle à / soi-même, dialogue avec sa pensée, console sa douleur.

¹³ Le sentiment qui meut le poète, l’expérience qui fait vibrer / sa sensibilité et engendre chez lui l’état émotif, c’est cela qu’il essaye de / traduire en mots. Il choisit, il conjoint les mots pour reproduire / cette émotion. Ici les signifiés sont subordonnés à l’intenté émotif.

¹⁴ L’image est le truchement nécessaire de l’émotion.

¹⁵ Il faut que son langage / re-présente <le vécu>, re-produise l’émotion.

uma linguagem que escapa à convenção essencial do discurso. Ele deve ajustar-se a ela, recriando por sua conta as normas e o ‘sentido’.¹⁶

Benveniste chama a atenção para o fato de que o poeta *re-cria* uma “semiologia nova” e, nessa semiologia nova, a língua escapa à condição essencial do discurso. No uso ordinário da língua, o discurso fundamenta-se na necessidade de correferir-se, o que implica colocar como condição essencial do discurso a referência, construída em função da realidade socialmente simbolizada e (com)partilhada. Trata-se, portanto, de destituir o poético da função referencialista que, no uso poético da língua, não se coloca do mesmo modo.

Ao trabalhar com a *recriação*, o poeta não subverte a ordem da língua; o que é subvertida é a distribuição dos usos estabilizados/cristalizados e o ‘sentido’ racional da realidade social. Portanto, a questão é mostrar a emoção e o trabalho subjetivo do poeta com a língua. Uma pergunta coloca-se sobre o grifo em “libres”: por que Benveniste sublinha o termo “libres” em “par des assemblages nouveaux et libres de mots”? Com certeza, um sinal de que deveria pensar sobre que liberdade seria esta da língua na poética. A liberdade da emoção que rompe com a razão, com a realidade social simbolizada e estabilizada/cristalizada e que abre para outras possibilidades de vê-la e de significá-la.

4. SIGNO E ÍCONE NAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE A POÉTICA DE BAUDELAIRE

Visto que a referência, no uso poético, é a emoção provocada no leitor-ouvinte, é necessário, então, compreender como acontece esse funcionamento diferente. Para tanto, é fundamental compreender como o signo tornar-se/deforma-se em ícone na poética. Vejamos uma outra nota, na qual Benveniste pensa sobre a conversão do signo em ícone:

a linguagem icônica não rompe com o sistema geral da língua; ela não emprega elementos fônicos nem sígnicos que sejam estranhos à língua, e Baudelaire conserva uma sintaxe que está no conjunto da língua comum. Mas a linguagem icônica é, no entanto, uma linguagem particular, porque o sistema sígnico é utilizado como sistema icônico. Ou melhor dizendo, o princípio icônico acrescenta-se ao princípio sígnico.¹⁷ (BENVENISTE, 2011, p. 34)

Embora em outras notas de pesquisa, Benveniste tenda a romper com essa colocação e assumir que, na poética, o signo daria lugar ao ícone, assumimos que, nesse caminho que empreendemos, encontramos eco ao que Benveniste (1989 [1969], p.67) afirma ao concluir, em *Semiologia da língua*, que “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a

¹⁶ On <le poète> recrée donc une sémiologie nouvelle, par des assemblages nouveaux et libres de mots. A son tour le lecteur-auditeur se trouve en présence d’un langage qui échappe à la convention essentielle du discours. Il doit s’y ajuster, en recréer pour son compte les normes et le ‘sens’.

¹⁷ Le langage iconique ne rompt pas avec le système général / de la langue, il n’emploie pas d’éléments phoniques ni signi- / fiques qui soient étrangers à la langue, et Baudelaire / conserve une syntaxe qui est dans l’ensemble celle de / la langue commune. Mais le langage iconique est néanmoins un langage / particulier du fait que le système signifique est / utilisé comme système iconique, ou dirait-on mieux: / que le principe iconique se surajoute au principe signi- / fique.

estrutura e o funcionamento da língua”. Assim sendo, no uso poético da língua, o signo converte-se, por deformação de sua estrutura, em ícone. No entanto, por sua condição topológica, o ícone conserva as propriedades sógnicas que permanecem nele subjacentes e em certa operação. Assim, embora a imagem tenha prevalência no uso poético, os sentidos estabilizados/cristalizados no e pelo uso ordinário do signo permanecem em jogo. Esse jogo permite que certos poemas guardem uma aparência de referencialidade ao mundo socialmente simbolizado, porque parecem descrever algo da realidade, mas essa descrição está fundamentada na emoção. No dizer de Benveniste (2011, p. 62),

as palavras são escolhidas e relacionadas em virtude não de uma ideia a ser enunciada, mas <primeiro> de uma emoção a ser tornada / sensível, pois é aos sentidos que elas endereçam-se primeiro: / a mensagem é, portanto, de início, / carregada <para comunicar uma> emoção. As palavras devem / formar as imagens próprias para despertar a emoção, e ainda agir em sua qualidade de signos. Este é o cerne do problema: a relação do / representado com o significado.¹⁸

No uso ordinário, há um fim externo, relativo à função social e simbólica da linguagem, de influenciar, de agir sobre a realidade, de provocar uma ação ou de informar sobre um acontecimento, por exemplo. No uso poético, o fim é a sua própria expressão e, por isso, termina em sua produção. Na poética, há, de início, coerções formais, uma vez que a estrutura do verso, assim como os demais elementos formais, como métrica, repetição, preexiste ao dizer poético. O poético pode, no entanto, romper com certos elementos formais e, assim, instaurar outros.

Essas coerções formais produzem uma primeira questão: “como o dizer do poeta realiza esse molde?”¹⁹ (BENVENISTE, 2011, p. 46) O dizer do poeta realiza-se em ruptura com a função referencial que fundamenta o uso ordinário da língua. A função em prevalência é a função emotiva, porque o poeta intenta projetar no dizer a emoção que o acomete em sua experiência e em seu trabalho subjetivo com a língua. Para que tal aconteça, é necessário que as palavras sejam escolhidas e relacionadas pelo poeta em função da emoção a ser tornada sensível ao outro, instaurando-se, assim, um intentado da emoção. Esse intentado regula e determina as escolhas do poeta, colocando em jogo a relação entre *representado* e *significado*.

Benveniste (2011, p. 46) faz ainda outra questão: “se o dizer poético é a própria poesia, as enunciações poéticas reenviam apenas a elas mesmas?”²⁰ Uma resposta a essa questão, embora tenha um fundo afirmativo, encontra a emoção como referência do discurso poético. O poeta quer fazer o leitor provar sua experiência emocional, para tal a emoção deve estar presente, mas não nomeada. Não se trata de produzir um discurso sobre a emoção experienciada, mas de suscitar no leitor a emoção vivida, de modo que ele possa, de certo modo, re-vivê-la, no ato de leitura-interpretação.

¹⁸ Les mots sont choisis et assemblés en vertu non / d'une idée à énoncer, mais <d'abord> d'une émotion à rendre / sensible, car c'est aux sens qu'ils s'adressent d'abord : / le message est donc d'abord / chargé <de communiquer une> émotion. Les mots doivent / former les images propres à éveiller l'émotion, / et néanmoins agir en leur qualité de signes. / voilà le noeud du problème : la relation du / représenté au signifié.

¹⁹ Comment le dire du / poète remplit ce moule?

²⁰ Ce sont les choses dites qui sont la poésie [...], les énonciations poétiques ne renvoient qu'à elles-mêmes?

Trata-se, portanto, de uma emoção que resulta da própria experiência do poeta com a língua na produção do poético. Assim, Benveniste (2011, p.66) chega à lei fundamental da poesia: a emoção estando na origem e no fim, ela será ambivalente, ou seja, sua referência não se fecha, o que provoca, em contrapartida, a abertura dos sentidos. Eis aí uma diferença basilar entre o uso ordinário e o uso poético da língua. Enquanto no uso ordinário a língua é mobilizada em função de produzir um efeito de correferência entre os participantes, na poética não há essa condição. Na poética, o poeta quer suscitar emoção, quer fazer o leitor ver o mundo sobre o prisma da emoção em detrimento da razão.

É na condição de ícone que o signo pode entrar no poético e participar do intentado da emoção, porque é a imagem construída que provocará no leitor a referência-emoção²¹. Portanto, o referente, na poesia, não é as coisas do mundo naturalizado no e pelo discurso ordinário. É um mundo particular, descrito como um cosmo novo e específico. Assim, a referência no discurso poético não tem o compromisso de apresentar uma relação de verossimilhança com a realidade social e simbolicamente (com)partilhada. Eis aí o bordo estético do poético. No poético, as palavras iconizam a emoção e, no ordinário, significam a ideia. O iconizante visa *re-produzir* o mais próximo possível a impressão “pathética”²² e o iconizado será, por consequência, um sentido tornado presente na imaginação.

Em outra nota de pesquisa, Benveniste (2011, p. 138; grifo do autor.) trata da relação entre signo e ícone do seguinte modo.

Forma e sentido distribuem-se diferentemente na poesia que na linguagem ordinária. É preciso partir do nível do *signo*. O signo poético é, materialmente, idêntico ao signo linguístico. Mas a decomposição do signo em *significante* – *significado* não é suficiente; é necessário acrescentar-lhe uma dimensão nova, aquela da *evocação* que refere não à realidade (conceito da linguagem ordinária) mas à visão poética da realidade. Assim, à relação *significante* | *significado* | *referente*, a linguagem poética acrescenta (ou substitui) *evocante* | *evocado* | *emoção* inicial.²³

Assim, com base no exposto, é possível conceber que a poética, como uma forma complexa de (produção) de discurso, inscreve um outro princípio para o funcionamento discursivo da língua, de modo a ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único de explicação do uso da língua, redimensionando, por conseguinte, a poética como

²¹ Benveniste busca estabelecer uma terminologia conceitual, assim encontramos nas notas de pesquisa a referência poética sendo designada por *phatème*. Assim, também o ícone será constituído por iconizante e iconizado, já que, como o signo, também é uma unidade de dupla face. É no interior da poesia que os valores se estabelecem, porque o ícone é fundamentalmente relacional, ou seja, não há ícone para além do poético. Também aparecem nas notas de pesquisa os conceitos de: *évocant*, *évoqué* e *émotion* para referir-se aos constituintes do ícone e ao seu referente.

²² Pathética de *pathos*, significando a emoção.

²³ *Forme et sens* se distribuent autrement / en poésie que dans le langage ordinaire.

Il faut partir du niveaux du *signe*.

Le *signe* poétique est bien, matériellement, identique / au *signe* linguistique. Mais la décomposition du *signe* en / *signifiant* – *signifié* ne suffit pas : il faut y ajouter / une dimension nouvelle, celle de l'*évocation* : ~~par rapport~~ <qui réfère> non à <<réalité>> (concept du langage / ordinaire) mais à la <<vision poétique de la réalité>>.

Ainsi au rapport *signifiant* | *signifié* | *réfèrent* / le langage poétique ajoute (ou substitue) *évocant* | *évoqué* | *émotion* <initiale>.

matéria de interesse da linguística, já que suscita um outro funcionamento da língua no poético. Várias decorrências podem ser tiradas do caminho aqui traçado. Limitar-nos-emos a explicitar uma: há aspectos do poético que podem ser (entre)vistos no ordinário em certas condições do uso da língua. Quando brincamos com a língua e a abrimos aos sentidos e seus efeitos, por exemplo. Trata-se, por conseguinte, de uma via de mão dupla. Assim como há aspectos do ordinário no poético, há aspectos do poético no uso ordinário da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, debruçamo-nos sobre algumas notas de pesquisa produzidas por Benveniste, quando da preparação de um artigo acerca da poética de Baudelaire. Contudo, como já ressaltamos, o artigo não foi concluído, permanecendo indefinida a posição de Benveniste sobre a questão. Assim, longe de deixar-nos uma posição formalizada por meio de um texto publicado, Benveniste (2011) lega-nos notas de pesquisa. Por essa contingência, permanecem em aberto as teorizações de Benveniste sobre o funcionamento da língua na poética e sobre o funcionamento poético na língua, embora as notas sejam um repositório importante dos caminhos abertos por ele.

Dada essa condição, inspirados na trajetória do autor, marcada por inquietações constantes sobre o funcionamento da língua e os problemas dele decorrentes, trilhamos e formalizamos, neste artigo, um caminho possível de compreensão e questionamento sobre o funcionamento da língua na poética. Nesse caminho, a rota percorrida mostra um Benveniste preocupado em diferenciar o funcionamento discursivo da poética do funcionamento discursivo do ordinário. A diferenciação proposta por Benveniste (2011) coloca em xeque a visão referencialista propalada no âmbito da teoria literária, uma vez que evidencia que, ao colocar a emoção no centro, o uso poético não permite aferir relação com a realidade social.

No conjunto esparso das notas de pesquisa de Benveniste (2011), faz-se necessário assumirmos uma rota de trabalho para analisá-las. Para tanto, selecionamos um conjunto de notas, a partir dos seguintes pontos orientadores: notas que versaram sobre *língua*, *signo*, *ícone* e *referência*. Como método de leitura-interpretação, produzimos alguns mo(vi)mentos de referência cruzada com outros textos publicados de Benveniste, partindo do critério da recorrência temática existente em sua obra. Assim procedendo, conseguimos estabelecer um caminho que interessa ao linguista, uma vez que propõe a compreensão de diferentes usos da língua: o poético e o ordinário.

De saída, é preciso salientar que, na condição de forma complexa de discurso, a poética põe em cena algumas especificidades, que não podem ser interpretadas como dissociáveis do funcionamento específico da língua. Benveniste deixou-se capturar pela perspectiva de funcionamento, por um princípio complexo que rege e que determina, em sua totalidade e intangibilidade, uma entidade: a língua. Esse funcionamento acaba por produzir deformações, isto é, transformações no sentido do que vimos apontando neste artigo. De posse de algumas notas de pesquisa, é possível destacarmos que esse funcionamento, dada a especificidade da poética, produz uma deformação tal que o signo é alçado à condição de ícone, sem, contudo, perder suas propriedades, que permanecem subjacentes e em operação. É por essa transformação que o campo da emoção se torna

possível na poética. Essa transformação, já no campo da evocação, que não é passível de ser transmitida, mas re-vivida, instaura a possibilidade de outra experiência com a linguagem. Interessa ao olhar do linguista lançar luz a mais uma faceta simbólica do funcionamento da língua. E, por fundamento, essas facetas acabam por nos ensinar a própria definição de homem, já que o homem é o que ele significa.

Na trajetória de elaboração de Benveniste, de qualquer ponto que se aborde, o simbolismo da língua e a sua (re)invenção da condição de homem mostram-se constantes. No caso das notas de pesquisa, trata-se da condição de homem, como poeta, experienciando a linguagem na produção do poético. O caminho que trilhamos mostra-se importante, uma vez que adota uma perspectiva não referencialista para analisar o funcionamento da língua na poética, o que pode constituir um argumento contundente para se questionar uma maquinaria de produção que tenta vislumbrar na obra dos autores uma relação entre o poeta e sua produção poética na base da realidade social (com)partilhada.

Essa maquinaria apostou e ainda aposta, com certa veemência, no caráter transcendental da poética. Haveria aspectos para além da produção do poético responsáveis em si pela produção, de maneira a se buscar no mundo um respaldo, uma correferência. Buscar-se-ia uma função descritiva na poética que estaria ali em função da razão. Muitos críticos literários problematizaram esse caráter transcendental. De igual modo, problematizaram a tendência oposta: centrar-se tão-somente no texto poético a partir de uma visada imanentista. À luz das notas de pesquisa, Benveniste, por seu projeto de linguística geral, debate-se e adentra o funcionamento da língua na poética. Antes de ser um problema de literatura ou da linguística geral, é um problema de linguagem. É desta que nascem a demanda e a própria materialidade em suas formas complexas, simbolizando o mundo, de certo modo, para o homem.

Não perdendo de vista os pontos orientadores para a seleção de algumas notas de pesquisa, cabe-nos retomar o princípio de que, na poética, a língua habilita o signo à condição de ícone, implicando a constituição de uma referência com funcionamento específico. Como já aludimos, neste artigo, as palavras, na poética, iconizam a emoção, posto que o ícone, assim como o signo linguístico, tem dupla face. O iconizante responde pela impressão “pathética”, e o iconizado refere-se ao sentido delineado na imaginação que suscita a emoção. Daí o fato de a referência, na poética, cumprir a função de criação, sem respaldo (obrigatório) no mundo. Essa “nova semiologia” da língua põe em cena a produtividade do simbolismo da língua, pois inaugura ao homem a possibilidade de produção do poético; de ser poeta, (re)criando outras realidades.

Recorrendo aos apontamentos de Lemos (2012) acerca da literatura na condição de real, o qual se centra no caráter simbólico e real da linguagem para tal, é possível articular em nossa discussão o seguinte aspecto: o trabalho poético do homem é sobre o real, tendo a língua como meio de formalização. Sendo assim, a literatura (não) estaria para a ordem daquilo que qualificamos como realidade social, pois já é uma construção. À luz de Lemos (2012), é possível destacar a existência de toda uma tradição literária que apostava no caráter referencialista da produção do poético. Para explanar essa questão, o autor produziu um contraponto entre as teorizações de Roland Barthes e de Antoine Compagnon, a fim de mostrar como cada um, à sua maneira específica, concebe a relação da literatura com a exterioridade.

Sem expor detalhes da leitura de Lemos (2012), uma questão parece ser certa: a produção do poético e seus fundamentos capturou a atenção de muitos teóricos, tendo a linguagem como ponto de aplicação. Como exploramos, neste artigo, em Benveniste (2011) não foi diferente. Ele, sob uma visada não referencialista, questionou as supostas evidências de sua época em relação à poética. Benveniste (2011) desloca a relação de referencialidade no uso poético da língua. A referência não é uma relação ternária, estabelecida entre locutor-língua-mundo; é uma relação dual, estabelecida entre poeta e língua. Assim, o uso poético da língua fundamenta-se na experiência do poeta com o jogo da língua, na base de sua emoção. Por isso, enquanto no uso ordinário, a referência é produzida como externa, e é preciso compreender que isso é um efeito; no uso poético, a referência mostra-se como interna, ou seja, feita da própria língua.

Para finalizarmos, cabe ressaltar que Benveniste questiona, pesquisa e teoriza sobre a dialética existente acerca da relação social e singular da língua. No caso da poética, trata-se da experiência do poeta em mobilizar a língua por sua conta, abrindo horizontes para o campo da emoção. Os manuscritos de Benveniste (2011) dão o testemunho do empreendimento profícuo que a sua trajetória legou a comunidade acadêmica. Por isso, é preciso (re)ler Benveniste, não abrindo mão de se questionar as evidências, já que ele ratifica a dependência do princípio explicativo, seja signo ou ícone, ao uso da língua, de modo que o princípio é uma entidade linguística cujo valor e determinação são (im)postos por sua exterioridade constitutiva: sentido e referência.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, Cármen; ARAÚJO, Érica Daniela; LEITE, João de Deus. Émile Benveniste – Uma letra que encarna a linguagem. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso]. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, p. 115-121, 2015. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br/published/232.pdf>.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. Em: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1939].

_____. O aparelho formal da enunciação. Em: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1970].

_____. A forma e o Sentido na Linguagem. Em: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1966].

_____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. Em: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1968].

_____. Semiologia da língua. Em: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006 [1967].

_____. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

LEMOS, Saulo. Quando a literatura é real: Barthes X Compagnon (com um aparte de Xavier). **REVISTA ESCRITA**, PUC-RIO, Rio de Janeiro, p. 1-17, 2012. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20016/20016.PDF>.

Artigo recebido em: dezembro de 2017.
Aprovado e revisado em: março de 2018.
Publicado em: maio de 2018.

Para citar este texto:

AGUSTINI, Cármen L.H; LEITE, João de Deus. Manuscritos de Émile Benveniste: um percurso na e pela poética de Baudelaire. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, *on-line*, www.entremeios.inf.br], Seção Temática [Discurso, arte e literatura – Parte I], Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 16, p. 275-290, jan. - jun. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol16pagina275a290>